



FACULDADE CATÓLICA DE ANÁPOLIS
CURSO DE FILOSOFIA

WILMAR MOREIRA DE SOUZA JÚNIOR

OS POSSÍVEIS FATORES PSICOLÓGICOS QUE PODEM PREDISPOR O
DESENVOLVIMENTO DA HOMOSSEXUALIDADE MASCULINA

ANÁPOLIS – GO

2020

WILMAR MOREIRA DE SOUZA JÚNIOR

OS POSSÍVEIS FATORES PSICOLÓGICOS QUE PODEM PREDISPOR O
DESENVOLVIMENTO DA HOMOSSEXUALIDADE MASCULINA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
como requisito parcial para aprovação no Curso de
Filosofia sob a supervisão da Coordenação
Adjunta de Trabalho de Conclusão de Curso da
Faculdade Católica de Anápolis.

Orientador: Prof. Mestre Tobias Goulão

ANÁPOLIS – GO
2020

RESUMO: O fenômeno da homossexualidade entre os homens é ao mesmo tempo antigo e desconhecido em toda sua profundidade. Ao longo da história, diversas culturas e povos entenderam a homossexualidade de modos diferentes. Procurando encontrar causas biológicas, hormonais, físicas, no entanto, pouco avanço foi obtido, sabendo somente aquilo que não é. A psicologia tenta aproximar-se do assunto e teve até certos avanços, no entanto ao passar de patologia à normalidade sexual, essas descobertas foram abafadas. Esse fenômeno nos impele a querer conhecê-lo e estudá-lo, para entender não somente a sociedade atual, mas, a pessoa humana como um todo na sua complexa dignidade.

Palavras-chave: Homossexualidade. Masculinidade. Sexualidade. Afetividade. Psicologia. Pessoa.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	4
2 FUNDAMENTOS ANTROPOLÓGICOS DA PESSOA HUMANA	6
3 ENTENDENDO O FENÔMENO DA HOMOSSEXUALIDADE	11
3.1 CONSIDERAÇÃO HISTÓRICA ACERCA DO FENÔMENO DA HOMOSSEXUALIDADE	14
4 A HOMOSSEXUALIDADE MASCULINA E OS SEUS POSSÍVEIS FATORES PSICOLÓGICOS PREDISPOANTES	18
3.1 O PAI AUSENTE.....	18
3.2 A MÃE SUPERPROTETORA	22
3.3 ABUSO SEXUAL E ABUSO PSÍQUICO	24
3.4 BISSEXUALIDADE PSÍQUICA	26
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	31
ABSTRACT: THE POSSIBLE PSYCHOLOGICAL PREDISPOSITIONS OF THE DEVELOPMENT OF THE MALE HOMOSEXUALITY.	33
REFERÊNCIAS	34
ANEXO A – MITO DO ANDRÓGINO DE PLATÃO	37
ANEXO B – TRECHO DO DEPOIMENTO DO FÁBIO, SOBRE SUA INFÂNCIA	40
ANEXO C – DEPOIMENTO DE CLÁUDIO, SOBRE SUA INFÂNCIA	41
ANEXO D – O DIÁRIO DE BRIAN.....	43

1 INTRODUÇÃO

Sempre que ocorre o surgimento de algo que escapa aos parâmetros pré-estabelecidos, ou que foge à normalidade, a ciência busca estudar e encontrar as causas para explicar o fenômeno que é apresentado. Nesse sentido, o presente artigo, visa trazer o tema da homossexualidade masculina sob o prisma da antropologia filosófica e psicológica, recolhendo dados e estudos diversos na área, especificando a contribuição da psicologia para o assunto. Possui também o intuito de mostrar algumas teorias consideradas válidas.

Ao tratar o tema da homossexualidade, é possível encontrar inúmeras vertentes com fortes raízes ideológicas, políticas e econômicas, vertentes essas que por sua vez, faltam a seriedade para com a importância do assunto, o que dificulta um diálogo sadio sobre a temática. O empoderamento da força homossexual é fonte de doutrinação ideológica e política, é rentável e ao mesmo tempo contrário às pesquisas científicas que visam estudá-la seriamente. O ditado popular “eu nasci assim, eu cresci assim, vou morrer assim”, pauta seus discursos.

Diversos cientistas como, Simon LeVay, Richard Pillard, John Michael Bailey, Dean Hamer e Roger Gorski, desenvolveram estudos científicos procurando uma causa biológica para a homossexualidade, no entanto, não chegaram em um resultado satisfatório. Por outro lado, a psicologia desenvolveu estudos na área, levantando teorias que aqui serão apresentadas auxiliando no entendimento do fenômeno. Trata-se de teorias, por não serem fatores determinantes, mas predisposições que podem levar ao desenvolvimento da homossexualidade.

O psicólogo Sigmund Freud, fundador da psicanálise, foi o primeiro a teorizar sobre o assunto e levanta a questão de uma falha no desenvolvimento natural da sexualidade da criança, ou seja, uma fixação podendo causar um comportamento homossexual. Além de alguns psicólogos, alguns psiquiatras e cientistas, apontam também elementos parecidos, como traumas, abusos, fixação em uma fase da sexualidade infantil, mães possessivas e transtornos de identidade.

Para melhor entender o fenômeno, o artigo é embasado em algumas teorias do desenvolvimento da psicologia humana, a fim de mostrar como as dificuldades encontradas ao longo desse processo, podem contribuir para o desenvolvimento da homossexualidade. Todas essas questões permeiam através dos conceitos básicos acerca da pessoa humana. Ao considerar o homem em sua integralidade tangemos a sua sexualidade e afetividade, realidades que constituem a pessoa. A afetividade talvez seja a maior força que o homem possua, pois o faz sentir, desejar, se afeiçoar, doar-se, entregar-se ao outro, ser dom, amar e ser amado.

No entanto, o tema não se esgota, doravante o objetivo do presente artigo é trabalhar a respeito da homossexualidade masculina sem pretender dar soluções para ela, mas somente apresentar fatores que permita seu desenvolvimento, a partir da perspectiva psicológica. A psicologia afirma diferenças na formação psicológica do homem e da mulher. O ser homem é algo que se aprende, um tanto diferente do ser mulher. A masculinidade é uma conquista, deve ser formada e assim, inicia-se a aventura de desbravar o universo masculino e encontrar os desafios de assumi-lo.

O comportamento homossexual, pode gerar um grande sofrimento psíquico e por isso, serão apresentados aqui, algumas possíveis predisposições psicológicas que podem levar alguém a agir de tal modo. Por muito tempo, tal sofrimento foi considerado e a ciência psiquiátrica tentou ajudar pessoas que por ele passava. “O apoio terapêutico ao homem [...] de orientação homossexual, que deseja se converter, ou reverter, à heterossexualidade vem, há décadas, constituindo parte integrante da prática psicoterapêutica.” (MASTERS; JOHNSON; VIRGINIA, 1979, p.273). Isso até dado momento da história, onde não mais foi permitido realizar terapia de reversão em homossexuais.

Este artigo não pretende chegar a uma resposta para a questão apresentada, dada a delicadeza do tema. Muitas vezes as pessoas com práticas homoafetivas estão condenadas a um silêncio doloroso e sufocante, ou ao exercício indesejado de sua orientação, acreditando terem nascido assim. Todavia, conhecendo um pouco mais sobre o assunto, é possível encontrar caminho para um saudável e sério diálogo. Diálogo esse que não deve ficar somente em pautas sociais, mas deve ser levado para o meio científico.

2 FUNDAMENTOS ANTROPOLÓGICOS DA PESSOA HUMANA

O filósofo Boécio, escreve a seguinte definição de pessoa no seu livro, *Sobre as duas naturezas*: Pessoa é substância individual de natureza racional¹(AQUINO, 2003, p. 522.) A pessoa humana possui sua existência autônoma, subsiste por si só, ou seja, é uma substância. Essa substância por sua vez, não é algo genérico ou comum, mas individual, única, torna a pessoa um indivisível. A natureza racional existe em potência, conquanto deve ser atualizada, ou seja, desenvolvida.

A inteligência humana foi definida por alguns pesquisadores, “ por exemplo, ‘a capacidade para realizar pensamento abstrato’ de Terman; ‘a capacidade para adquirir capacidade’, de Woodrow; ‘a capacidade de boas respostas, do ponto de vista da verdade ou do fato’, de Thorndike. ” (BUTCHER, 1972, p. 26). Nas três definições foi usada a palavra “capacidade”, o que quer dizer uma possibilidade, uma potência, “pensa-se num tipo de inteligência como potencialidade genética” (Ibid. p. 27), sendo potencialidade significa que ainda não é em ato, ou seja, é uma capacidade para realizar algo.

A psique não nasce pronta, o homem é um ser em formação, em contínuo desenvolvimento. O homem é um *quefazer* (LUCAS, 2005, p.148) não no sentido metafísico, mas enquanto pessoa com inúmeras potencialidades, um ser em processo de desenvolvimento. Isso torna a pessoa humana um universo, um mundo inteiro a ser campeado, um infinito mistério, ao passo que quanto mais é descoberto, menos se diz a respeito do que realmente é.

Cada pessoa com sua individualidade, sendo única, irrepitível, diferente de todos os outros da espécie, imprime sua marca no mundo com o seu modo de ser. Nas palavras de Hannah Arendt (2007, p. 17): “o novo começo inerente a cada nascimento, pode fazer-se sentir no mundo somente porque o recém-chegado possui a capacidade de iniciar algo novo, isto é, de agir. ” Em cada ser humano que nasce, o mundo é recriado e uma nova história é contada.

O que faz com que a pessoa se torne um indivíduo (princípio de individuação) é a matéria, ou seja, o corpo, “porque cada coisa individua-se pela matéria” (AQUINO, 2005, p.43). Características fundamentais da pessoa como o temperamento, a personalidade, os seus gostos, paixões, sentidos, sentimentos e afetividade, somente são possíveis pela existência do corpo. O corpo é parte constitutiva e essencial da pessoa humana de modo que não é possível entendê-la sem ele, somente a alma não é capaz de defini-la.

¹ *Persona est rationalis naturae individua substantia.*

Essa realidade corpórea, é capaz de captar qualidades sensíveis, chamadas de sensações. Essas qualidades são captadas através de receptores especializados, o nariz, os olhos, os ouvidos, a pele e a língua, que são os órgãos específicos dos cinco sentidos, olfato, visão, audição, tato e paladar. Os sentidos, por sua vez, estão ligados as funções apetitivas, que são “tendências que movem o ser vivo em direção à sua autorrealização” (STORCK; ECHEVARRÍA, 2016, p.31).

Essas funções apetitivas dão origem aos desejos, impulsos e afetos que levam a pessoa a agir de um modo determinado. O corpo não tem vida sozinho, é vivificado pela alma que é o princípio vivente que anima a matéria, enquanto, sendo a dimensão orgânica da pessoa. São três os tipos de alma introduzidas por Aristóteles na filosofia, a alma vegetativa, a alma sensitiva e a alma intelectual, (REALE, 2007, p. 198) sendo a terceira a mais nobre, enquanto as outras duas se misturam ao corpo, o ato da alma intelectual, ou seja, a razão, existe por sua própria conta.

Por motivo da alma espiritual, o corpo humano se torna assim, um corpo espiritualizado. O homem não somente possui um corpo, mas é o próprio corpo, como fundamento do seu ser, com base na definição de pessoa dada por Boécio. Uma manifestação de que o homem pertence a esses dois mundos, material e espiritual, é a afetividade, onde se unem o sensível e o intelectual. Na afetividade são encontrados os sentimentos, as emoções, as paixões e os afetos. Todas essas realidades podem ser percebidas pelo homem por sua capacidade de imanência.

“Imanente é o que se guarda e permanece no interior. ” (STORCK; ECHEVARRÍA, 2016, p.62). A pessoa humana é o ser mais capaz de realizar operações de imanência em relação aos outros seres vivos. Sendo operações, como: dormir, viver, ler e conhecer, permanentes no interior da pessoa, isso se torna uma realidade imanente. Cada um carrega uma série de conhecimentos e pensamentos dentro de si, com a capacidade de transmiti-los, através da linguagem. Cabe a cada um decidir comunicá-los ou não.

Com base na imanência, segundo Echevarría e Stork (Ibid.), existem marcas que a pessoa humana carrega em si, a primeira é a intimidade. Existe um lugar interior no homem onde só ele tem acesso, é um recanto escondido e inviolável. Intimidade quer dizer um dentro que só a pessoa conhece, se abrindo para si, atingindo os recantos interiores da alma na profundidade de seu ser. “A intimidade é o grau máximo de imanência” (Ibid.), não somente por ser interior, mas por ser algo dinâmico, que cresce e sempre surgem novas realidades.

A intimidade da pessoa é seu mundo interior. A pessoa se define porque é possuidora de um mundo interior que não é visível por fora. A tese que sustento é que uma pessoa é definida principalmente pela existência dentro dela mesma de um mundo interior só ela conhece e ninguém mais que ela se não quiser dá-lo a conhecer. Existe um reduto em cada pessoa que resulta inviolável.² (YEPES, 1997, p.12)

Ao dar a conhecer sua intimidade, a pessoa exterioriza o seu interior, tem-se aí a segunda marca da pessoa, a manifestação (STORCK; ECHEVARRÍA, 2016, p.65). A pessoa é um ser que se manifesta, possui a capacidade de se expressar e comunicar aquela infinita riqueza escondida no âmago da alma. Cada pessoa humana é um dom que alarga ainda mais o conceito de humanidade. “ ‘Dom’ significa, antes de tudo, uma oferta inesperada daquilo que tem valor, por parte de quem o recebe, como novidade geradora de alegria e gratidão. ” (MANCINI, 1999, p. 25).

Com base no dom e gratuidade surge a terceira marca da pessoa que é a liberdade, sendo possuidora da intimidade e da manifestação ela é dona de si e conseqüentemente de seus atos. Nesse sentido, a quarta marca da pessoa é o dar-se, uma de suas mais importantes características. Sem um outro ela não se conhece, se não for em uma relação de alteridade a pessoa humana perde o sentido de sua existência, ou nem mesmo é capaz de se encontrar na existência.

O dar-se é justamente tirar algo de si e entregar a outro que o acolha, o que é perceptível na capacidade de amar. “Dom implica assim doação gratuita. E o amor é a razão da doação gratuita. ” (AQUINO, 2003, p.614). Amar é a atividade mais alta e nobre do ser de alma intelectual, pois implica uma doação total de si, que seja fiel e fecunda, quem se dá a alguém quer e precisa que esse alguém acolha o dom doado. “Alguém tem de ficar com o que damos. Senão, não há dar, apenas o deixar. ” (STORCK; ECHEVARRÍA, 2016, p.63). O dar-se é o encontro de duas intimidades que se revelam.

Nessa dimensão do ser relacional do homem é que ele se entende como pessoa, percebe-se um ser no mundo, reconhece sua afetividade e se vê como um ser para o outro, o homem só se completa com o outro. “O fato de ser amado encontra uma ressonância muito profunda no

² *La intimidad de la persona es su mundo interior. La persona se define porque es poseedora de un mundo interior que no es visible desde fuera. La tesis que sostengo es que una persona se define principalmente por la existencia dentro de ella misma de un mundo interior que sólo ella conoce, y nadie más que ella si no quiere darlo a conocer. Hay un reducto en cada persona que resulta inviolable.*

espírito humano. ” (INSA, 2019, p.71) O amor que é doado e não encontra quem o acolha é frustrado, da mesma forma daquele que quer receber o amor do outro e não há quem o dê.

A psicologia ao trabalhar os sentimentos percebe que muitas vezes, os problemas psíquicos que uma pessoa pode desenvolver, têm por base uma ferida na capacidade de amar e ser amado. O psicólogo americano, Dr. Joseph Nicolosi afirma: “recordei-me das múltiplas horas de sessões que já gastei ouvindo meus clientes [...]. Havia um grande vazio na vida desses homens [...], em sua busca por atenção, afeto e afirmação [...]. Muitos estavam ainda procurando o amor de seus pais. ” (NICOLOSI; AMES, 2007, p.31).

Amar e ser amado é uma necessidade vital para o homem, desde a concepção, ela existe e interfere no desenvolvimento da pessoa. “Se o casamento é sólido e se conseguem criar um ambiente razoável de afecto e de união, as possibilidades de surgir nos filhos qualquer complexo neurótico, incluído o homossexual, reduzem-se consideravelmente” (AARDWEG, 2002, p. 206). Nesse sentido, concentrar-se na afetividade faz-se necessário, pois a pessoa humana é um ser de afeto.

Uma vida sem amor é uma vida estéril, sem aquilo que há de mais belo para a humanidade, tudo isso partindo da riqueza afetiva do homem. “O lugar da afetividade e dos sentimentos na vida humana é central. ” (STORCK; ECHEVARRÍA, 2016, p.49). Por vezes a temática é tratada sob uma perspectiva pouco científica, considerando como algo de segunda categoria os sentimentos e a afetividade. No entanto, o estudo das neuroses “como perturbação afetiva do plano psíquico demonstrou a importância deste setor na vida do homem” (TEPE, 1966, p. 51), o setor afetivo.

Na afetividade encontra-se a chave para entender as relações humanas de modo mais íntegro e complexo. Não é mero sentimentalismo,

define a experiência interna de cada pessoa (emoções, paixões e sentimentos), oriunda do seu contato com as demais pessoas que, por sua vez, podem trazer alegrias ou tristezas, marcando a sua vida; todo ser humano precisa ter sua afetividade alimentada de forma sadia (contatos que engrandecem tanto a si mesmo como ao próximo). (ROBERTO, 2012, p. 17).

Os sentimentos e a afetividade têm a capacidade de unir e separar os homens, regular o ânimo interior e ainda impulsionam ou recuam o agir. “Os sentimentos partem sempre do *amor*. O que amo, desejo; o que impede meu amor, odeio. ” (STORCK; ECHEVARRÍA, 2016, p.49, grifo do autor). Intelectualmente, alguém pode conhecer uma determinada realidade, pode ter

um sentimento positivo em relação a isso e querê-la, nesse sentido ocorre uma harmonia entre o intelecto, a afetividade e a vontade.

Pelo intelecto a pessoa é capaz de conhecer algo e emitir juízos a respeito, podendo afirmar uma bondade existente ali ou negá-la. Porém, o intelecto não leva a agir, mas fundamenta, só se age se houver um conhecimento prévio acerca da realidade apresentada. O conhecimento desperta sentimentos e afetos no homem, baseados em suas experiências vivenciais, como por exemplo nas relações humanas quando duas pessoas se conhecem e desenvolvem certa afeição.

Pode-se definir assim, que o sentimento é o produto do confronto existente entre a realidade e o eu interior, os conceitos já formados na pessoa e sua forma de vivenciar as experiências do momento. No entanto, voltando ainda ao exemplo dado acima, as duas pessoas que se conheceram e desenvolveram certa afeição, só irão estabelecer uma amizade se forem movidos pela vontade.

De outro modo, pode-se apresentar uma desarmonia nessa relação interior da pessoa. O homem pode conhecer algo que desperte nele um sentimento positivo e ao mesmo tempo a vontade não mover o seu agir. Nesse sentido, mesmo sendo um sentimento positivo, a pessoa tendo um juízo moral sobre a realidade, porque é um ser livre pode escolher agir ou não segundo o sentimento. Desta forma, os sentimentos devem ser educados, pois a “*desarmonia* pode causar patologias psíquicas, morais ou do comportamento.” (STORCK; ECHEVARRÍA, 2016, p.50, grifo do autor).

Seja visto que o homem ao buscar atualizar as suas potencialidades, deve procurar também, essa harmonia interior. Caso essa integração não aconteça, o deparar-se com a realidade será traumático e com fortes consequências psicológicas, pois a realidade permanece sempre o que é. Com base nesses fundamentos antropológicos, é tratado o tema da homossexualidade masculina no presente trabalho, visto o drama enfrentado por quem assim se identifica, encontrando uma desarmonia entre o intelecto, o sentimento e a vontade.

3 ENTENDENDO O FENÔMENO DA HOMOSSEXUALIDADE

A palavra homossexual, “foi usada pela primeira vez na Alemanha em 1869, pelo escritor e tradutor austro-húngaro Karl Maria Kertbeny”. (RONDINI; FILHO; TOLEDO, 2017, p.57). Etimologicamente é possível observar os radicais grego e latino da palavra: “A palavra *homossexual* combina o prefixo grego, *homo*, que significa *mesmo*, com um substantivo latino, *sexus*, que significa *sexo* (referindo-se a gênero). ” (BEPPLER, 2017, p.279). Desde então essa palavra passou a fazer parte do vocabulário médico, constando como uma patologia.

Diversos outros termos foram utilizados para designar a relação entre pessoas do mesmo sexo, antes do surgimento do atual, “era reconhecida pelo designativo de pederastia ou, no grego clássico, *paiderastia*” (REINKE, et al. 2017, p.279). Essa nomenclatura tem seu significado relacionado com criança, remontando a prática dos mestres se relacionarem com seus discípulos. Outro termo usado era, invertido, “No século XVIII e até meados do século XIX, o termo corrente para designar sujeitos homossexuais era a palavra invertido, termo que sugeria que todo homossexual era “feminino” e conseqüentemente portador de uma inversão sexual. ” (NUNAN, 2015, p.21).

Outras palavras como sodomia e libertinagem, também foram utilizadas. “Antes do século XVIII os homossexuais eram descritos pela Igreja como sodomitas” (Ibid. p.20), lembrando que um dos pecados da cidade bíblica, Sodoma, era a prática homossexual. Com o decorrer da história, o termo homossexualismo começou a ser substituído, visto que remetia a uma doença, ou algo pejorativo. Outra palavra colocada foi, homoerótico, designando aquele que tem um amor carnal por alguém do mesmo sexo.

Atualmente, nem mesmo a expressão homossexual está sendo bem acolhida, o mais aceito é o termo, homoafetivo, visto que afetividade é um conceito mais abrangente. Vale ressaltar que o homossexual é aquele que assume como forma de viver a sua sexualidade a relação com alguém de mesmo sexo, enquanto o homoafetivo é aquele que tem os desejos e afetos, mas não age em conformidade com eles.

Dado esse parecer sobre a etimologia da palavra e seu desenvolvimento, pode-se colocar uma definição real: “Pela psicologia, a homossexualidade é definida como ‘orientação emotiva, física e sexual por indivíduos do mesmo sexo’.” (CIPRIANNI, 2018, p.9). A definição dada por Teisa sobre a homossexualidade é mais completa, considerando também o aspecto

exclusivo ou predominante da atração, “uma atração afetiva e erótica, exclusiva ou predominantemente por pessoa do mesmo sexo, com ou sem relacionamento físico.”³ (TEISA, 2002, p.167).

Em outras definições parecidas, também é ressaltado o aspecto da atração exclusiva ou predominante. “A homossexualidade designa as relações entre homens [...] que sentem atração sexual, exclusiva ou predominante, por pessoas do mesmo sexo.” (CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA, 1999, n° 235, p.610). “Corresponde a uma tendência sexual, que se fixa sobre a base de um conflito psíquico não resolvido.” (PONTIFÍCIO CONSELHO PARA A FAMÍLIA, 2007, p.470). Para melhor compreensão, faz-se necessário explicar alguns termos, como orientação, identidade e comportamento sexual.

A orientação sexual é o “desejo erótico natural dos homens para com mulheres e vice-versa” (ROBERTO, 2012, p. 19.). De maneira mais ampla, na realidade homossexual “caracteriza-se pela preponderância na esfera da consciência de uma carga de sentimentos, pensamentos eróticos e fantasias, que têm como objeto um indivíduo do mesmo sexo.” (CIPRIANNI, 2018 p.10). A orientação pode ser dita como tendência, que é uma inclinação para possuir um bem, mesmo que esse bem seja apenas aparente, ou até mesmo a capacidade de vencer os obstáculos que impedem a posse do bem.

Nesse sentido, alguém pode ter desejos, sentimentos e pensamentos homoafetivos, no entanto, nunca ter tido uma relação desse gênero, assim não se pode dizer que de fato essa pessoa é homossexual, mas possui tendência homossexual, ou é homoafetivo. Trata-se muito mais de uma inclinação do que uma decisão interior de procurar realizar sua existência segundo tais desejos. Uma pessoa de tendência homossexual pode viver toda a vida sem que alguém a perceba, pois é uma realidade muito íntima, que só pode ser manifesta pela própria pessoa.

A identidade sexual “refere-se à identificação que cada pessoa faz consigo mesma, uma certeza interna de ser homem ou mulher”, (ROBERTO, 2012, p.19). Há uma harmonia não somente psíquica e biológica, mas também intelectual, afetiva e volitiva, conhecendo, sentindo e querendo uma única coisa. No caso de haver uma desarmonia ocorre a homossexualidade, em casos extremos chamada disforia ou não conformidade de gênero.

A identidade homossexual é “um contínuo autorreconhecimento do sentir homossexual e viver a homossexualidade.” (CIPRIANNI, 2018, p.10). Contudo é importante ressaltar que, homossexualidade de fato não existe, mas o que de realmente existe é a pessoa com o desejo

³ *un'attrazione affettiva ed erotica esclusiva o predominante per persone dello stesso sesso, con o senza rapporti fisici.*

homossexual. O que está sendo entendido por identidade homossexual, é uma analogia, enquanto algo que alguém pode assumir ser, ou no sentido daquele que se relaciona sexualmente com o mesmo sexo. A heterossexualidade⁴ possui um *design* de completude perfeita, “não existe um outro sexo humano, além do sexo masculino e o feminino; há o ser humano que é homem ou mulher.” (ROBERTO, 2012, p.18).

O assumir uma identidade homossexual é assumir algo que não se é, mas que se sente ser, é uma falta de identidade. “Não existe identidade homossexual. A homossexualidade pertence ao grupo das tendências sexuais”. (PONTIFÍCIO CONSELHO PARA A FAMÍLIA, 2007, p.474). Sendo assim, tomar para si a homossexualidade é assumir uma tendência, algo que é volátil, que pode ser mudado, trabalhado e integrado, como fator determinante e constituinte da identidade.

Tudo isso culminará no comportamento ou conduta sexual, que é a forma de agir da pessoa humana, em relação aos fatores citados. Nesse aspecto, o ser humano, escolhe agir ou não de acordo com a orientação e a identidade sexual. Mas pode-se levantar questionamentos sobre o termo inglês, *gay*. Para isso é importante observar que *gay* “é aquela pessoa que faz parte do movimento gay, que defende a propaganda e ideologia homossexual, [...] todo gay se define como homossexual e vive segundo sua opção, mas nem toda pessoa com tendência homossexual é gay.” (ROBERTO, 2012, p.18).

O comportamento sexual, porém, sofre influência do meio ambiente, da condição social, da saúde física e mental, do conhecimento, e da educação intelectual e moral, etc. Por sofrer essas influências, um comportamento sexual não define a orientação sexual de ninguém. (BASTOS; GIBSON, 2008, p.32).

Outro elemento a ser considerado é a influência da cultura e sociedade na vida particular do indivíduo. A cultura *Queer* oriunda dos Estados Unidos e difundida com maior potência no ocidente e a revolução sexual dos anos 60, formam os ditames contemporâneos, afirmando a liberação sexual. Nesse contexto, a pessoa pode adotar comportamento tal que a faça sentir membro da sociedade, mas que não represente o que ela realmente é, numa tentativa de suprir uma carência, querendo ser aceita em um grupo.

⁴ Ver Anexo A – O mito do Andrógino de Platão.

3.1 CONSIDERAÇÃO HISTÓRICA ACERCA DO FENÔMENO DA HOMOSSEXUALIDADE

A história mostra que a homossexualidade é um fenômeno antigo, porém concebida sob aspectos diferentes. Têm-se registros de ser uma prática comum entre os Espartanos, Gregos e Atenienses, talvez entre os Egípcios com certa raridade. Também no relato bíblico de Gênesis 19 (BÍBLIA, 2009, p.64), que traz a história de Sodoma e Gomorra, há a interpretação tradicional, contada popularmente, de que o motivo de Deus ter destruído, as duas cidades, foi o pecado da homossexualidade.

É possível encontrar diversas fontes, em que a homossexualidade nos povos antigos, é colocada como algo mais desejável que a heterossexualidade. “Algumas culturas da Antiguidade encaravam a relação entre pessoas do mesmo sexo como algo intrínseco à condição do ser humano” (REINKE, et al. 2017, p.278). Nas palavras de Dieter (2012, p.02): “Já a heterossexualidade, não recebia tanta importância, uma vez que estava somente associada à procriação.”

Ainda é levantada a temática da homossexualidade entre animais, numa tentativa de equipar a um fenômeno de natureza humana com seres de natureza sensitiva. “E não é somente entre o ser humano é que se verifica tal tipo de comportamento, o mesmo pode ser verificado em diversas espécies de animais”. (FILHO, 2008, p.02). No entanto, inúmeros trabalhos que levantam essa questão podem ser dignos de dúvida, estando ao serviço ideológico.

Algumas críticas podem ser tecidas, como por exemplo, se a homossexualidade era tão preferível, porque não se tornou o paradigma vigente, fazendo com que os homens não mais se casassem, porém tivessem um encontro heterossexual somente para manutenção da espécie? “Na verdade, jamais uma cultura elevou a homossexualidade à mesma posição da heterossexualidade.” (NICOLOSI; AMES, 2007, p.140). Nesse aspecto, afirmar a igualdade das relações hetero e homossexuais seria um regresso antropológico.

Quanto aos animais, há considerações a serem feitas acerca dessa afirmação, levando em conta a natureza humana, diferente da natureza animal. Querer compará-las é importante, no entanto não se pode justificar uma com a outra, visto que o homem é dotado de racionalidade e o animal não. Quanto às pesquisas na área, afirma-se:

Em geral, atribui-se o comportamento homossexual em animais ao estresse do cativeiro, a poluentes biológicos, à domesticação, à falta de disponibilidade da mesma espécie do sexo oposto, à manipulação hormonal, à interpretação errônea de chamados ou cheiros sexuais, às expressões de dominância e à

imaturidade em brincadeiras sexuais. Todavia, isso não quer dizer que esse comportamento deve ser considerado normal. (NICOLSI; AMES, 2007, p.140).

É encontrada no Manual Diagnóstico e Estatístico dos Distúrbios Mentais⁵ (DSM), publicado pela Associação Americana de Psiquiatria⁶ (APA), a forma como a homossexualidade foi tratada pela ciência, desde sua primeira edição de 1952. Porém, ela foi considerada como doença muito antes, a partir do século XVIII, a medicina tornou a homossexualidade uma doença, uma enfermidade possível de ser diagnosticada a partir de um exame clínico (REINKE, et al. 2017, p.283).

No DSM I de 1952, a homossexualidade é inserida entre os distúrbios sociopáticos da personalidade. (CIPRIANNI, 2018, p.19). Posteriormente, no DSM II, publicado em 1968, ocorre uma mudança e passa a ser classificada entre os desvios sexuais e não mais um distúrbio, “na categoria de outros ‘transtornos mentais não psicóticos’ juntamente com a pedofilia, transvestismo, transexualismo, fetichismo, necrofilia e voyeurismo. ” (Ibid.) Em 1973 a homossexualidade foi retirada do manual americano DSM.

Esse processo, foi muito conturbado e não havia um consenso científico. Alguns psiquiatras não concordaram com a decisão e pediram que fosse submetida a voto. “Entre 25 mil membros, apenas um quarto deles devolve a própria ficha, e apenas o 58% deles é favorável à remoção da homossexualidade *egossintônica* da lista dos transtornos mentais. ” (Ibid. p.20). Do total de psiquiatras, apenas seis mil e duzentos e cinquenta, devolveram a ficha com o voto, e entre esses, apenas três mil e seiscentos e vinte e cinco foram a favor.

Posteriormente, em 1977, foi realizada outra votação com dez mil membros aleatórios, nem todos responderam e dos que responderam, 69% foram a favor. Com essas divergências, é claro que a decisão tomada pela APA em 1973, não pode ser citada como “consenso científico”. (Ibid.). Era esperado que a próxima edição trouxesse uma nova categoria e em 1980, foi publicado o DSM III. Nessa nova edição, foi especificada como homossexualidade egodistônica e egossintônica, a primeira seria um distúrbio, a segunda não, levando em conta a votação realizada anteriormente.

O Manual, por sua vez, não trazia mais sobre a denominação, “desvios sexuais”, mas a substituiu por “parafilia”, que são práticas sexuais socialmente não aceitas. Ainda assim houveram inúmeras críticas, pois, a homossexualidade, não havia sido retirada totalmente da

⁵ *The Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders.*

⁶ *American Psychiatric Association.*

classificação de patologia. No entanto, na edição de 1987, foi totalmente removida do DSM, podendo ser, a homossexualidade, considerada somente quando a orientação sexual causa um persistente e forte stress, indicando como terapia o aceitar tal condição.

Tudo isso aconteceu sem a interferência da Organização Mundial de Saúde (OMS). No entanto aderiu a proposta e em 1991 retirou a homossexualidade do Código Internacional de Doenças (CID). Há muita controvérsia a respeito desse processo, visto que muitos cientistas não concordaram, comprovando a ligação direta da homossexualidade e inúmeros distúrbios psicológicos. Em relação a pessoa homossexual, é estudado uma alta incidência de distúrbios da personalidade, depressão, suicídio, ansiedade, esquizofrenia e narcisismo patológico.

O Psicólogo norte americano, Dr. Joseph Nicolosi, que foi fundador da Associação Nacional de Pesquisa e Terapia da Homossexualidade, uma associação de psiquiatras, psicólogos e terapeutas, afirma que a decisão de 1973 da APA, aconteceu por influência política e pressão do movimento *gay*, e ainda ressalta suas consequências.

A Remoção da Homossexualidade do [manual] DSM teve o efeito de desencorajar o tratamento e a pesquisa. Quando passou a ser “do conhecimento geral” que a homossexualidade “não era um problema”, clínicos foram desencorajados – proibidos – de expressar opiniões contrárias ou de apresentar trabalhos em reuniões profissionais. Logo, as publicações científicas, em sua grande maioria, silenciaram-se sobre a homossexualidade como expressão de um problema de desenvolvimento. (NICOLOSI; AMES, 2007, P.15).

Além disso, o Dr. Nicholas Cummings, ex-presidente da APA nos anos 1979 e 1980, que viveu esse tempo de transição, afirmou em um editorial ao jornal americano *USA Today*, alguns anos depois:

Desde então, o papel da psicoterapia nos esforços de mudança de orientação sexual foi politizado. [...] Mas sustentar que ‘toda atração pelo mesmo sexo é imutável’ é uma distorção da realidade. Tentar caracterizar toda terapia de reorientação sexual como ‘antiética’ viola a escolha do paciente e dá a uma parte externa um veto sobre as metas dos pacientes para seu próprio tratamento. A agenda política não deve impedir que gays e lésbicas, que desejam mudar, tomem suas próprias decisões.⁷ (NICOLOSI, 2013)

Nas decisões tomadas acontece a negação de algo muito próprio da pessoa humana, a liberdade. Visto que após a retirada da homossexualidade dos manuais de doença e distúrbios

⁷ *Since then, the role of psychotherapy in sexual orientation change efforts has been politicized. [...] But contending that “all same-sex attraction is immutable” is a distortion of reality. Attempting to characterize all sexual reorientation therapy as “unethical” violates patient choice and gives an outside party a veto over patients' goals for their own treatment. A political agenda shouldn't prevent gays and lesbians who desire to change from making their own decisions.*

mais influentes, qualquer pessoa que desejasse um acompanhamento terapêutico ficaria impossibilitada de realiza-lo. Uma decisão tida em nome da liberdade humana que na prática afetou-a ainda mais, indo diretamente contra a possibilidade de escolha do indivíduo.

4 A HOMOSSEXUALIDADE MASCULINA E OS SEUS POSSÍVEIS FATORES PSICOLÓGICOS PREDISPONETES

Ao longo da história, a homossexualidade que hoje é colocada em voga, é a masculina. Não há tantos registros de tal prática entre as mulheres como existe entre os homens, isso levanta uma questão que será tratada, sobre como a masculinidade é formada no homem. À primeira vista, não é óbvio que haja uma distinção entre a homossexualidade masculina e a feminina, no entanto isso vai se esclarecendo ao longo do estudo.

“Em seu parecer para o governo federal alemão, o sociólogo M. Dannecker, cuja identificação com a ideologia gay é de todos conhecida, também constata: ‘Todas as tentativas realizadas no passado de ancorar biologicamente a homossexualidade precisam ser classificadas como fracassadas’.” (METTLER, 2010, p.08). Resta observar o fenômeno à luz da ciência psicológica. Tendo em consideração os fundamentos colocados acerca da pessoa humana, é levado em conta o seu desenvolvimento psicológico, como base para se entender um pouco sobre a homossexualidade.

“Sigmund Freud, foi o pioneiro das teorias da homossexualidade que punham o acento na importância dos fatores psicológicos.” (AARDWEG, 2002, p. 71). Já que do ponto de vista da biologia não há explicação para tal fenômeno, e o “eu nasci assim” não pode ser provado, recorre-se a psicologia. “Ainda, a regra geral permanece: se uma criança é traumatizada de uma maneira particular que afeta o gênero, ela se tornará homossexual e se você não traumatizar uma criança dessa maneira particular, o processo natural de desenvolvimento heterossexual se desenrolará.”⁸ (NICOLOSI, 2016).

3.1 O PAI AUSENTE

É possível traçar um caminho, no desenvolvimento da pessoa humana. Piaget faz uma classificação sobre o desenvolvimento da inteligência, ou seja, sua tomada de consciência no mundo, em estágios, alguns deles sendo descritos aqui para fundamentarem o pensamento

⁸ *Still, the general rule remains: If a child is traumatized in a particular way that affects gender, he will become homosexual, and if you do not traumatize a child in that particular way, the natural process of heterosexual development will unfold.*

apresentado. “Todo desenvolvimento – psicológico como biológico – supõe a duração, e a infância duram tanto mais quanto mais superior for a espécie” (PIAGET, 1983, p.211).

Os primeiros dezoito meses são essenciais nesse processo e dada a alma intelectual como constituinte substancial da pessoa humana, entende-se o porquê de a infância ser bem mais longa do que de outros seres vivos.

E durante esse primeiro ano, ela constrói precisamente todas as subestruturas ulteriores: a noção do objeto, a do espaço, a de tempo, sob a forma das sequencias temporais, a noção de causalidade, em suma as grandes noções das quais o pensamento se servirá ulteriormente (PIAGET, 1983, p. 217).

Nesse período a criança vive um egocentrismo em relação ao espaço, não sabe o que é um objeto, sendo tudo centrado em relação ao próprio corpo, como se fossem uma coisa só. Ela não consegue perceber o espaço como continente (Ibid. p. 218). Nesse estágio sensório-motor, você pode fazer uma brincadeira com a criança, mostrando algo que ela goste e posteriormente tampando com um pano, logo ela não terá a reação de remover o pano, mas entenderá que uma vez que não mais avista o objeto, ele não existe (Ibid. p. 217).

O egocentrismo vai sendo desfeito depois dos dezoito meses iniciais e inicia-se a criação da identidade. Para essa criação da identidade da criança, é de suma importância a relação com outras pessoas e que sejam constantes na sua vida. No caso específico dos meninos, a presença paterna é crucial, “é um importante ponto de referência desde o nascimento” (CIPRIANNI, 2018, p.30). “É o processo de ‘individuação’, ou seja, a criança se ‘individua’ (cria sua própria identidade) se tem figuras significativas e de identidade clara.” (Ibid.)

Passados esses dezoito meses iniciais, a criança desenvolve essas habilidades de noção do espaço geral, compreendendo todos os objetos, inclusive o próprio corpo, como objeto entre os outros. (PIAGET, 1983, p.211). Já entre os dois e quatro anos, surge a função simbólica enquanto linguagem e enquanto imaginação. Nesse período a criança entende por imagens, como por exemplo, ao fazer algo de errado e ganhar um pequeno tapa no bumbum, ela associa simbolicamente o ato à dor e não o repete. Não há uma percepção de causalidade, ou consequências.

Nessa fase, após os três anos de idade a criança desenvolve o que Sigmund Freud denominou como Complexo de Édipo, “O menino ingressa na fase edipiana” (FREUD, 2005, p.172). Ele ao perceber o pai como um igual, a criança o tem como um concorrente, alguém que rivaliza com ele em relação a mãe que é diferente. Nesse processo ele deve passar da rivalidade e se identificar com o papel do pai como homem e chefe de família, deixando de vê-lo como um concorrente. “No caso de total impossibilidade de identificação com o pai rival, ele

tenderá a assumir papéis pouco masculinos, dando origem, aí, a possíveis desvios posteriores da sexualidade.” (RODRIGUES, 1976, p.40).

Entre os sete e oito anos, outras relações são desenvolvidas. “Ora, no domínio dos sentimentos morais, constatamos nesse mesmo nível um enfraquecimento do superego e da autoridade” (PIAGET, 1983, p.234). É o período da revolta da criança que reivindica sua autonomia no lar. “Emocionalmente, a criança, agora bastante reflexiva, define com clareza o seu lugar no mundo” (RODRIGUES, 1976, p.42), mesmo assim ainda tem uma dependência afetiva muito grande em relação aos pais. Desta vez a criança opta por si com consciência, está aberta a socialização.

O desenvolvimento humano se desenrola por toda a vida, mas são os primeiros anos, os mais importantes, são cruciais. “Podemos dizer que a infância é uma idade de ‘vida interior’, que leva os seres humanos a crescerem e a se aperfeiçoarem.” (MONTESSORI, 2018, p.48). Nesse processo, o pai tem o papel daquele que lança o filho no mundo, insere-o no universo masculino. Cientificamente é comprovado que existe uma simbiose entre a mãe e o bebê recém-nascido, uma relação em que o bebê não consegue identificar-se separado da mãe, os dois são uma única coisa. Não somente pelo fato de ainda estar na fase egocêntrica, mas por ter sido gerado por ela. Por sua vez, o pai deve romper essa ligação.

No entanto, não somente essa ligação dos primeiros meses, mas dos primeiros anos. “Um pai ‘de personalidade’ (isto é, forte e bondoso) interrompe um relacionamento de ‘simbiose feliz’ que ele de forma instintiva, julgue não ser sadio.” (NICOLOSI; AMES, 2007, p.28). Essa “simbiose feliz” será melhor abordada no tópico 3.2. Esse processo de interrupção deve contar com a colaboração da mãe, visto que não se educa um menino, da mesma forma que se educa uma menina. “Se um pai quer que seu filho cresça heterossexual, ele tem de quebrar o elo mãe-filho” (Ibid.), inserindo-o no mundo masculino.

“O dia em que a criança descobre que os poderes da mãe são limitados, passa a procurar a esfera dos poderes do pai, que então cresce em importância.” (GRUBER, 1962, p.86). Com a idade escolar e o processo de socialização extrafamiliar, o menino depende mais ainda da figura do pai como uma autoridade e um ideal. Ele passa a se relacionar com outros meninos pelas atividades que têm em comum e se inserem nos círculos de amizade, isso se o pai o introduziu no mundo masculino, ou seja, se o pai é presente.

O pai ausente, deixa uma lacuna, um verdadeiro *canyon* no menino. A masculinidade deve ser conquistada. “Uma mulher já nasce mulher, mas um homem precisa tornar-se um. A masculinidade é arriscada e ardilosa. Conquista-se por meio de uma rebelião contra uma

mulher, e só se confirma por meio de outros homens. ” (NICOLOSI; AMES, 2007, p.21). A figura do pai não necessariamente é o pai biológico, outro homem mais velho pode desempenhar esse papel. “Um menino tem muito o que aprender em sua jornada para se tornar um homem e ele se torna um homem somente por meio da intervenção ativa de seu pai e da companhia de outros homens. ” (ELDREDGE, 2017, p.19).

O garoto precisa ser confirmado em sua masculinidade.

Meninos [...] precisam receber dos pais aquilo que nós [...] chamamos de “os três As”: afeto, atenção e aprovação. Quando eles deixam de receber o que precisam, interpretam o comportamento do pai como desinteresse pessoal e rejeição por eles. Sentem isso como uma ofensa profunda e com imenso poder de ferir ao seu próprio sendo de si mesmo. Como defesa contra mais mágoa, mais dor, eles diminuem a imagem do pai em sua mente, transformando-o em uma pessoa pouco importante ou mesmo inexistente. (NICOLOSI; AMES, 2007, p.53).

Ao faltar afeto, o rapaz irá desenvolver uma carência afetiva, tendo a necessidade de procurar em outros homens o amor que faltou do pai, será imaturo e mendigo dos cuidados e carinho alheio. Será capaz de se submeter a coisas terríveis em busca de um amor verdadeiro e não o encontrará dessa forma. Terá, assim, amizades possessivas, rodeado de um ciúme doentio e paixões desregradas. Tudo isso procurando ao amor do pai.

Ao faltar-lhe a atenção devida, criar-se-á uma necessidade psicológica de ter a atenção de todos que o cerca. Para alimentá-la, crescerá em seu coração um sentimento megalomaniaco. O desejo de grandeza o consumirá, tudo que ele fizer deve ser grandioso e voltar a atenção dos outros a si. Caso não consiga tal feito, se sentirá deprimido, caindo numa atitude de auto dramatização. Acontece que mesmo sendo o centro das atenções, nunca se dará por satisfeito, pois aquele desejo original da atenção paterna não foi saciado, mas apenas alimentado.

A personalidade megalomaniaca, fará grandes coisas e pode até ser confundido com uma extrema generosidade, no entanto, são realidades distintas quanto a intenção. A generosidade é desinteressada e preocupa-se apenas em fazer algo pelo outro, não retém nada para si. Por outro lado, a megalomania é egoísta, é movida pelo desejo de ser reconhecido, olhado e até mesmo invejado pelos outros, espera algo em troca, a atenção.

Por último, o terceiro “A” é a aprovação, também podendo ser denominado como afirmação. O desejo de ser aprovado pelo pai é grande dentro do garoto, ele quer que o pai o elogie, quer que diga o quanto ele é bom em algo que faz, como que afirmando: “isso mesmo meu filho, parabéns! Você está no caminho certo! ”. Caso venha a faltar a aprovação paterna, a criança desenvolverá um mecanismo para suprir essa carência, irá se autoafirmar.

Ao buscar afirmação em si mesma, a criança se tornará um adulto infantilizado. Tudo que alguém fizer será menosprezado exteriormente em relação ao seu, tudo o que ele faz sempre será melhor. A pessoa que busca se auto afirmar, sempre terá histórias melhores para contar, terá vivido melhores aventuras, suas alegrias, experiências e até as tristezas serão maiores e melhores em relação às dos outros.

Tudo isso exteriormente, mas interiormente o sentimento que carrega é o de insegurança e por isso não pode deixar transparecer sua fraqueza e deve mostrar-se mais forte e melhor. É comum para rapazes com sentimentos homoafetivos, a necessidade de provarem para si mesmos e para os outros a sua “masculinidade”. Porém, isso ocorre da forma mais destoante possível, namorando todas as meninas que deseja e se gabando de ter tido relação com várias em uma noite.

Tal atitude auto afirmativa se faz destoante por não condizer com o que realmente é ser homem, mas baseada em uma caricatura. O verdadeiro homem é equilibrado emocionalmente, de afetividade sadia, de bons hábitos e atitudes nobres. A autoafirmação mostra sua fraqueza, pois não há necessidade de afirmar aquilo que já é, o simples fato de possuir tal firmeza interior é suficiente para a satisfação pessoal.

A ausência de paternidade na vida de um menino, o fará procurar quando mais velho, um homem que possa suprir essa carência, “ao buscar relações homossexuais com outro homem, sem perceber, estão buscando o seu próprio sexo (sua masculinidade) e o amor que não tiveram do pai, bem como uma forma de se autodeterminar e ser aceito.” (ROBERTO, 2012, p.31). Essa carência alienou o menino da masculinidade, “O comportamento homossexual é uma tentativa sintomática de ‘reparar’ a ferida original que deixou o garoto alienado da masculinidade inata que ele não conseguiu reivindicar.”⁹ (NICOLSI, 2016).

Nesse caminho de descoberta de si e da conquista da própria masculinidade faz-se necessário a figura de um pai verdadeiro que guie seu filho nessa jornada. Mais do que apenas mostrar o caminho, deve caminhar junto. Pelo ser relacional do homem, ele nada faz sozinho, mas depende de um outro que semelhante a ele. “Aquilo que herdaste de teus pais, conquista-o para fazê-lo teu.” (GOETHE, apud. FREUD, 2005, p. 238).

3.2 A MÃE SUPERPROTETORA

⁹ *Homosexual behavior is a symptomatic attempt to ‘repair’ the original wound that left the boy alienated from the innate masculinity that he has failed to claim.*

Como nunca antes, o papel da mulher na sociedade tem-se alterado muito. Cada vez mais, as mulheres ocupam posições de destaque e são do tipo fortes, ativas, que marcam presença. Isso interfere até mesmo na relação com os filhos, que por vezes se veem mais próximos e atraídos pelo exemplo da mãe, enquanto o pai é uma imagem distante, alienada. “Sem perceber, as mães se envolvem demais na vida dos filhos.” (NICOLOSI; AMES, 2007, p.77).

A mãe possui uma profunda ligação com o filho, denominada simbiose, é um elo extremamente forte, uma intimidade primitiva, completa e exclusiva. No entanto, esse elo, “pode-se facilmente se aprofundar naquilo que o psiquiatra Robert Stoller chama de ‘simbiose feliz’.” (Ibid. p.28). Essa expressão, simbiose feliz, expressa, o apego excessivo e prejudicial entre o menino e a mãe. Às vezes, por carências próprias, a mulher vê no filho o projeto de homem perfeito, ou por viver um matrimônio infeliz, procura satisfazer suas necessidades emocionais no filho.

Algumas vezes, a mãe poderia funcionar contra o elo pai-filho ao manter o marido distante do filho (“está muito frio lá fora para ele.”; “Isso poderia machucá-lo.”; “Ele está ocupado fazendo as coisas comigo hoje.”) a fim de satisfazer suas próprias necessidades de intimidade masculina. Seu filho é uma companhia masculina “segura” com quem ela possa talvez lidar em seu relacionamento emocional íntimo sem os conflitos com que ela possa talvez lidar em seu relacionamento com o esposo. Ela pode ser rápida em “salvar” o filho do pai. Ela pode acariciar e consolar o filho quando o pai o disciplina ou o ignora. A solidariedade excessiva que demonstra em relação ao menino pode desencorajá-lo a fazer a separação de sua mãe, algo importante para ele. (Ibid.)

Essa superproteção materna dificulta o menino a formar identidade própria e identificar-se com o papel do pai. A carência afetiva da mãe, transvestida de cuidado, abafa, prende, paralisa a criança, “essa mulher pode vir a ser uma mãe possessiva, exagerando no seu cuidado para com o filho, tratando-o como uma menina delicada.” (ROBERTO, 2012, p.32). Talvez a mãe da criança não tenha essas características, mas um ambiente familiar rodeado da presença feminina e pouca participação masculina, pode também, interromper a formação da masculinidade no menino.

Muitas crianças se tornam vítimas dos relacionamentos frustrados dos pais. Famílias desestruturadas, com casais desequilibrados emocionalmente, propiciam o ambiente ideal para que seus filhos sejam como eles. As mães descontentes tendem a colocar os filhos contra o pai e vice-versa. A mãe por ser acolhedora e terna, naturalmente atrai mais do que o pai. Pode-se observar essa superproteção materna no depoimento do Fábio: “Eu gostava mais, sem dúvida,

da minha mãe. Fui criado com muito cuidado. Com cuidado excessivo. Pra você ter uma ideia, minha mãe me dava banho com água mineral!”¹⁰ (MODESTO, 2006. p. 33).

Por inúmeras vezes as mães possuem na família o papel de conselheira e tendem a ser mais abertas a conversar determinados assuntos do que os pais. Em caso de crianças de temperamento mais sensível essa proximidade natural da mãe se torna motivo para impedir a ligação com o pai. Muitas vezes é preciso que as mães se afastem um pouco e deixem que o pai tome seu papel, “o rapaz com inclinações homossexuais, deveria ter sofrido, em criança, uma super-identificação com a mãe” (AARDWEG, 2002, p. 71). E no caso do pai ser mais distante, a mãe deve induzi-lo a estabelecer um maior relacionamento e identificação com o filho.

A presença de uma mãe superprotetora não é suficiente para predispor o rapaz a homoafetividade, mas esse fator vem geralmente acompanhado de algum dos outros apresentados. O pai ausente, o abuso psíquico e a bissexualidade transitória, são fatores que fazem o rapaz enxergar como único caminho a identificação com o papel feminino materno. Já o abuso sexual, tem interferência direta independente da relação com a mãe.

3.3 ABUSO SEXUAL E ABUSO PSÍQUICO

Outro fator que influi na sexualidade da pessoa humana é a atividade sexual precoce, ou abusos durante a infância. Esses abusos podem ir da esfera psíquica com a presença de um pai ou padrasto alcóolatra, dependente químico, ou agressivo, até mesmo abusos sexuais por alguém de mesmo sexo. Geralmente esse tipo de abuso acontece por alguém próximo da família, um tio, primo, amigo, ou o próprio pai, o que faz com que os efeitos sejam ainda mais devastadores na vida da criança e do adolescente.

O abuso sexual faz com que a criança fixe naquela fase da sua infância e não desenvolva sua maturidade afetiva e emocional, cria-se uma barreira nas relações interpessoais. “ Há pessoas que fazendo um exame retrospectivo, relatam que na infância tiveram experiências traumáticas de abusos sexuais” (CIPRIANNI, 2018, p.39). Tais experiências, acarretam em uma profunda confusão de gênero no menino, o efeito disso pode durar por toda vida.

E em um estudo publicado em uma edição recente da *Archives of Sexual Behavior*, investigando 942 adultos que não estavam em psicoterapia, descobriu-se que 46% dos homens homossexuais e 22% das mulheres lésbicas informaram ter sofrido abuso homossexual, contra 7% dos homens

¹⁰ Ver Anexo B - Trecho do depoimento do Fábio sobre sua infância.

heterossexuais e 1 % das mulheres heterossexuais. (NICOLOSI; AMES, 2007, p.131).

Os traumas gerados a partir de um abuso sexual são inúmeros, alguém que deveria protegê-lo não o fez, ao contrário, o violou. “Muitos homens gays, relatam abuso sexual por uma pessoa do mesmo sexo durante a infância. O abuso sexual é abuso, porque se disfarça de amor.”¹¹ (NICOLOSI; 2016). Não são fatores determinantes como uma fórmula matemática, no entanto possuem forte influência. Meninos que sofrem abusos constantes e sentem prazer físico, podem se apegar ao ato com alguém do mesmo sexo ou tender a repetir o abuso posteriormente.

Um jovem que por sua vez, teve tal experiência homossexual e sentiu prazer, pode além de querer repetir o ato achar que isso o completa. Sua necessidade de afeto se vê em busca de compensação, todavia, a “experiência de atos homossexuais não alimenta o afeto, apenas ‘genitaliza’ um conflito interno” (ROBERTO, 2012, p.37). Ele parece encontrar em outro homem a masculinidade que lhe falta. Relata Brian, um adolescente em seu diário¹²: “É verdade, lá no fundo realmente não quero sexo. Quero amor e intimidade, quero abraçar e me sentir a salvo e seguro. É disso que preciso e o que quero.” (NICOLOSI; AMES, 2007, p.143).

O que realmente a pessoa com tendência homossexual procura é o amor que lhe falta. A sexualidade e a afetividade são uma força natural da pessoa humana que envolve todo o seu modo de ser no mundo, suas relações, sentimentos, emoções, afeições, desejos, vontade, intelecto, ou seja, diz respeito a integralidade humana. Sendo assim, “a sexualidade parece atuar como uma força que irrompe sobre um indivíduo, ao invés de ser vivida por este como uma expressão de si mesmo.” (CAMPOS, 1982, p.121). Uma sexualidade afetada torna-se uma ruína.

Levando em consideração a teoria psicanalítica de Freud do complexo de Édipo:

O indivíduo que realizasse o incesto, teria um impedimento no processo de individuação, pois que permanecerá em uma relação genital infantil. A figura parental que impedir o desprendimento do filho está mantendo a relação incestuosa, que poderá constituir a base da homossexualidade, tanto do homem como da mulher. (Ibid.)

Além do abuso sexual, o abuso psíquico por sua vez, pode ter um efeito devastador na vida do rapaz. Pode ser observado no trecho do depoimento de Cláudio, um rapaz homossexual

¹¹ *Many gay men, report sexual abuse by a same-sexed person during their boyhood. Sexual molestation is abuse, because it comes disguised as love.*

¹² Ver Anexo D – O diário de Brian.

que teve um pai extremamente agressivo e distante emocionalmente. Na ocasião do natal, Cláudio havia ganhado de sua mãe um presente que o pai prometeu quebrar.

cheguei no meu quarto e só encontrei os pedacinhos do autorama. Comecei a chorar feito um doido, me lembro que meu pai entrou no quarto e, quando me viu, eu vi uma espécie de sorrisinho sarcástico na cara dele, tipo: ‘Bem-feito, se fodeu, não avisei?’ Aquilo me deu uma raiva tão grande, mas tão grande que eu parei na hora de chorar, olhei pra cara dele bem sério e disse: ‘Você não é meu pai, nunca mais falo com você!’¹³ (MODESTO, 2006. p. 68).

Pior até do que o pai ausente é a figura paterna que agride emocionalmente a criança ou o adolescente. Nesse caso o rapaz não somente deixa de receber algo que deveria do pai, mas recebe algo ruim. A ferida do abuso seja psíquico ou sexual é causada diretamente pela figura masculina, diferente da ferida da ausência que é causada de modo indireto e não desejado. Nesse aspecto se torna mais profunda e geradora de um sofrimento maior.

Algo típico da pessoa homossexual é uma sexualidade infantil, visto que com um processo traumático na infância ele cria uma fixação naquele período e se torna incapaz de amadurecer. Observa-se adultos que na realidade tem uma criança mimada dentro de si, que não conseguem estabelecer relações duradouras. É próprio da pessoa homossexual a inconstância nos sentimentos e está sempre à procura de uma compensação.

Pessoas que vivem a homossexualidade, vivem relacionamentos instáveis, buscam sempre um elemento que as possibilite viver uma espécie de adrenalina, por conta da sua necessidade de afirmação. São homens que em sua maioria sofrem de complexo de inferioridade e tentam compensar-se em um profundo narcisismo, vivem um conflito interno e são incapazes de viver a fidelidade a algum parceiro por muito tempo.

3.4 BISSEXUALIDADE PSÍQUICA

Na medida em que a criança vai tomando posse da sua identidade enquanto pessoa e enquanto homem, ela passa por processos de superconcentração em sua própria imagem de modo narcisista, ou de complexo de Édipo. Outro processo normal é denominado de bissexualidade psíquica, que leva a aceitar a identidade sexual e torna o menino aberto à heterossexualidade. Esse fato é mais natural do que o nome parece indicar.

É importante entender bem o que significa, a bissexualidade psíquica como processo natural do homem: “verifica-se quando o sujeito interioriza a diferença sexual. Isso significa

¹³ Ver Anexo C - Depoimento de Cláudio, um rapaz homossexual, sobre sua infância.

que se torna capaz de colocar os dois sexos dialogando dentro de si e não, como frequentemente se afirma, de ser ao mesmo tempo homem e mulher. ” (PONTIFÍCIO CONSELHO PARA A FAMÍLIA, 2007, p.471). É o momento que se faz a diferenciação real do que é ser homem ou mulher, mediante suas constituições psíquica, física e social.

É período se forma de modo mais profundo a identidade da pessoa. É a fase da adolescência, cheia de incertezas e inseguranças, em que o jovem vive seus conflitos internos com intensidade tal que parecem serem únicos. É nesse período que ocorre o maior perigo de se desenvolver transtornos relacionados à identidade. Sendo mal vivido, podem haver consequências para toda vida.

“Como aspectos da elaboração da situação edipiana, pode-se verificar, na adolescência, aspectos de conduta feminina no rapaz e masculina na menina, constituindo expressões de uma bissexualidade não resolvida. ” (CAMPOS, 1982, p.121). De modo mais claro, é nesse período que o menino decide acompanhar o pai em algum ambiente masculino, ao invés da mãe com suas amigas, quando bem resolvido. A dificuldade em encontrar sua identidade nesse processo, alimenta uma possível homossexualidade.

Normalmente o desejo transitório pela pessoa do mesmo sexo, oriundo de uma admiração ou desejo de ser como o outro, é desfeito com a afirmação da masculinidade, a medida em que se o jovem se descobre homem e encontra na diferença do sexo oposto algo que lhe atraia. No entanto nas pessoas com complexo de inferioridade e nas personalidades autocomplacentes e dramatizadores esse processo é dificultado. Esse interesse pela pessoa do mesmo sexo deixa de ser apenas transitório.

O adolescente com complexo de inferioridade que produz a autocompaixão e a auto dramatização, tende a procurar o afeto não recebido em outras pessoas. A autocompaixão é a compaixão de si mesmo, tentando consolar-se na expectativa falida de suprir sua carência afetiva. A pessoa autocomplacente consola-se, reconforta-se, é cheia de lamúrias interiores, sente-se sempre prejudicado e injustiçado, é extremamente crítica e nunca se dá por satisfeita.

Por sua vez, a autocompaixão, também possui um lado mais agressivo “origina emoções de protesto, sob a forma de cólera, de hostilidade de rebelião, ou de amargura” (AARDWEG, 2002, p. 91). Essas características são próprias da neurose, outras delas são “o desejo infantil de atenção, de aprovação e de simpatia, além de uma tendência geral à auto-afirmação. ” (AARDWEG, 2002, p. 95). Sendo assim, a homossexualidade se encontra entre os tipos de neurose. Porém, o termo está em desuso, “se prefere chamar esses quadros de *transtorno do estado de ânimo* em lugar de neuroses. ” (INSA, 2019, p.87, grifo do autor).

O complexo de inferioridade faz com que o rapaz se compare com os outros de sua idade e percebendo que os outros possuem talentos e características mais desenvolvidas que ele, caia cada vez mais na autocompaixão. Por vezes, a baixa estima de si, faz com que o garoto mesmo possuindo mais qualidades que os outros e sendo até mais atraente, não saiba reconhecer isso. Algo que é próprio da neurose é que a pessoa perde a autoconfiança e se torna insegura com a própria imagem.

Nessa fase adolescente em que os impulsos sexuais surgem com mais força na puberdade, essa carência afetiva e a comparação com o outro são erotizadas. O desejo de ser um daqueles que se admira é agora um desejo sexual, dentro desse processo psíquico de bissexualidade no reconhecimento do ser homem. O complexo de inferioridade pode fazer com que o rapaz se identifique com a homossexualidade, numa tentativa inconsciente de dar vazão aos seus desejos neuróticos. Para a formação sadia de uma sexualidade é importante a superação da bissexualidade transitória.

Nessa circunstância, dada a homoafetividade como um transtorno de estado de ânimo, encontra-se na pessoa homoafetiva uma dificuldade de amar. O complexo de inferioridade o fará pensar que sempre está em desvantagem, está sendo injustiçado, desse modo, acreditará que nunca é amado o suficiente, por mais que o seja. Para suprir seu desejo de ser amado não basta ter alguém que o ame, pois, essa relação sempre parecerá desgastante, como se o outro nunca se esforçasse o necessário para amá-lo. “O impulso homossexual contém, [...] uma espécie de auto-tormento, uma necessidade inconsciente de se sentir marginalizado” (AARDWEG, 2002, p. 73).

Como processo normal da adolescência, o jovem precisa se encontrar no mundo, achar um lugar em que ele se encaixa, precisa ser amado. “Quem é amado se sente encorajado, valorizado, dignificado, respeitado com uma identidade consolidada.” (INSA, 2019, p.71). Na ocasião de não se encontrar amado ou de não perceber de forma clara que o é, o rapaz torna-se então, desencorajado, inseguro, sente-se desvalorizado e injustiçado, desenvolve uma baixa estima de si e não consolida sua identidade.

Esse sentimento de pertença deve surgir naturalmente a medida que a criança adentrando a adolescência, se veja reunida com os seus amigos de mesmo sexo. “Os meninos, entre os seis e os onze anos, afastam-se especificamente da amizade com amigas íntimas do sexo oposto.” (NICOLOSI; AMES, 2007, p.52). Afastando-se das meninas, criam os grupinhos de meninos e se identificam com o mundo masculino. Sentem-se acolhidos pelos iguais e conseqüentemente, sentem-se amados.

O escritor inglês, C. S. Lewis, no livro, “Os quatro amores”, dedica um capítulo inteiro sobre a amizade, que é considerada a forma mais rara de comunicar o amor. Em um trecho ele escreve:

A amizade brota do mero companheirismo quando dois ou mais dos companheiros descobrem ter em comum alguma perspectiva ou interesse, ou até gosto, que os outros não compartilham e que, até o momento, cada um acreditava ser o seu próprio tesouro (ou fardo) singular. A expressão típica do começo de Amizade seria algo como: “O que? Você também? Eu pensava que era o único!” [...]. Isso só acontece quando duas dessas pessoas descobrem uma a outra. Quando, seja com imensas dificuldades e com conversa mal articulada, seja com aquilo que poderia parecer a nós uma velocidade impressionante ou elíptica de comunicação – é, então, que a Amizade nasce. (LEWIS, 2017, p. 92).

O jovem que não encontra sua identidade nesse período, será uma eterna criança brigando com o adulto dentro de si. Será imaturo emocionalmente e não saberá amar. O amor como dom pressupondo alguém que receba o que é doado, será para ele sempre frustrado, pois terá a impressão de que nunca foi acolhido verdadeiramente. Sendo assim, ele se cansará e deixará de tentar amar e o outro na relação ao perceber isso, também diminuirá seu amor. Ter-se-á, cada vez mais pessoas que não sabem amar, porque não são amadas.

“Os estoicos diziam: ‘é melhor não amar para não sofrer’.” (INSA, 2019, p.15). Vê-se que desde os filósofos antigos, já se havia um sentido do amor como sofrer, como a capacidade de fazer um sacrifício por aquele que se ama. Pode-se dar um significado etimológico para a palavra “sacrifício”, recorrendo a língua latina, advindo da união de duas palavras *sacro* que significa “sagrado” e *facere* que significa “fazer”. Sacrifício é assim, aquilo faz com que algo seja sagrado, ou seja, digno, respeitoso, nobre. Amar é sacrificar-se, é transformar algo e fazê-lo sagrado.

Renunciar a si e dar-se ao outro é uma das notas do amor, no entanto, uma personalidade auto compassiva, centrada em si, ou seja, egoísta, não será capaz de realizar essa renúncia. Como personalidade narcisista a pessoa homossexual, encanta-se muito consigo mesma, fazendo do outro apenas um meio para satisfação pessoal, perdendo o sentido do dom. Se no transtorno de identidade, o rapaz homoafetivo não sabe quem ele é, ou está inseguro de si, não irá dar-se ao outro, pois não possui a si mesmo. O outro nesse sentido, não diz respeito somente a um parceiro, mas qualquer pessoa que ele se relacione.

O sentimento homoafetivo pode ser agravado nesse período, pelas interferências externas como um abuso sexual, a pornografia e a autoerotização alimentando fantasias homoeróticas. Nessa relação, o desejo vai criando força e se fixando cada vez mais no pensamento do rapaz. “É como se a mente se tivesse tornado *psicodependente*” (AARDWEG, 2002, p.108, grifo do autor).

Para que o adolescente nesse período seja capaz de amadurecer e desenvolver-se como homem adulto é preciso integrar a sua afetividade. “A função da formação da afetividade será ajudar a inteligência e a vontade a conseguir esta ordem, este domínio, este saber o que é bom, desejar alcançá-lo e empregar os meios oportunos para obtê-lo.” (INSA, 2019, p.16).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao observar todo o processo de desenvolvimento da pessoa humana, pode-se constatar que ser homem é algo aprendido. Nesse sentido, não somente em relação a homoafetividade, mas em relação a própria maturidade psicoemocional do homem. Alguém pode passar toda a vida vivendo como uma criança imatura e nunca ter se tornado de fato, um homem. A masculinidade é uma conquista, deve ser formada e assim, inicia-se a aventura de desbravar o universo masculino e encontrar os desafios de assumi-lo.

Alan Medinger, fundador do movimento *exodus*, afirmou:

A estrada para masculinidade é longa. É uma estrada de aprendizado, de experimentação, de fracasso e de novas tentativas, uma viagem de vitória e derrotas. A maioria dos meninos não tem consciência de que está na estrada, e poucos reconhecem quando chegam ao primeiro destino, mas a grande maioria chega lá...

Alguns meninos, porém, não alcançam esse destino. Em algum ponto, a luta torna-se muito árdua, as derrotas e fracassos, dolorosos demais, assim, eles optam por desistir. Eles saem da estrada principal: pegam um atalho... Eu fui um desses meninos... Como acontece com tantos meninos, o atalho levou-me para o mundo do homossexualismo... eu percebo que, em grande parte, meu problema homossexual foi um problema de masculinidade pouco desenvolvida. (apud NICOLSI; AMES, 2007, p.40).

O presente artigo, não visando trazer uma terapia ou “cura gay”, apenas mostrou como existem fatores que predis põem à homossexualidade. É observável a complexidade do assunto abordado e o prisma das diversas teorias sob o qual ele pode ser visto. A abordagem feita possibilita facilitar a compreensão do assunto que hodiernamente é tratado com pouca seriedade, quando deveria ser o contrário. É importante considerar a integralidade da pessoa humana e que o tema não foi esgotado aqui, mas somente colocado em foco, o que já é suficiente para suscitar o desejo de conhecer um pouco mais a problemática.

Foram apresentados alguns sentimentos comuns que são relatados por rapazes homossexuais em suas histórias: solidão, abandono, sentimento de anormalidade, depressão, tristeza profunda, timidez e isolamento. Isso mostra a importância de estudar mais a fundo o fenômeno, visto que pode causar um sofrimento significativo na vida da pessoa homossexual. Assumir a homossexualidade como um modo de ser no mundo, como uma identidade, é correr um grande risco, tomando por base as consequências de tentar vivê-la, já que vai contra a natureza própria do ser humano.

Foi evidenciado que pessoas que praticam a homossexualidade, vivem relacionamentos instáveis, buscam sempre um elemento que as possibilite viver uma espécie de adrenalina, por

conta da sua necessidade de afirmação. São homens que em sua maioria sofrem de complexo de inferioridade e tentam compensar-se em um profundo narcisismo, vivem um conflito interno e são incapazes de viver a fidelidade a algum parceiro por muito tempo.

A pessoa humana existe para ser livre e fazer dessa liberdade um verdadeiro dom de si. Observando tantos complexos que envolvem a pessoa de prática homossexual, é possível concluir que há uma ausência dessa liberdade, enquanto busca completar algo que lhe falta, ao contrário de doar-se ao outro, de modo que essa relação se torne desgastante, ferida e fuja à dignidade humana.

a respeito do domínio da concupiscência, demonstram – pelo menos indiretamente – ter o criador assinalado como característica do homem o corpo, a sua masculinidade e feminilidade; e na masculinidade e feminilidade lhe assinalou em certo sentido como característica a sua humanidade, a dignidade da pessoa, e também o sinal transparente da ‘comunhão’ interpessoal, em que o homem mesmo se realiza através do autêntico dom de si. (PAULO II, 2014, p.265).

Levando isso em consideração, é comum encontrar rapazes que reprimam sua tendência por não saber lidar com elas, desencadeando outros transtornos psíquicos. “Quando um instinto é subestimado, a consequência imediata é que depois será superestimado de maneira anormal. E quanto mais injusta tiver sido a subestima, tanto mais doentia será a superestima posterior.” (JUNG, 1986, p.89). Por isso, conhecer é sempre o melhor caminho, possibilitando uma dimensão real do fenômeno, “é necessário governar o mundo interior e os instintos por meio da vontade e da inteligência.” (INSA, 2019, p.98).

Foi possível perceber, que há uma incompletude no estilo de vida homossexual. Há uma carência, falta-lhes algo e isso causa uma angústia interior desconcertante, lhes escapa o que há de mais natural para o homem, a masculinidade. “A necessidade decorrente de amor é realmente a necessidade de pertencer ao mundo dos homens.” (AARDWEG, 2010, p.51). Por isso, “é necessário agir de maneira humana, por amor, o que implica a capacidade de sacrifício.” (INSA, 2019, p.98). Amor autêntico, que é capaz de restaurar todas as coisas e levar à perfeição humana.

Apesar do artigo, não ter como objetivo a solução do tema, mas somente apresentar e elucubrará-lo, pode-se pressupor que uma provável resposta é trabalhar em cima dos possíveis fatores predisponentes. Não se pode trazer uma certeza científica que solucione essa questão no momento, por isso o primeiro passo é este, o de buscar conhecer seriamente o assunto e assim poder chegar a um resultado satisfatório da pesquisa.

ABSTRACT: THE POSSIBLE PSYCHOLOGICAL PREDISPOSITIONS OF THE DEVELOPMENT OF THE MALE HOMOSEXUALITY. The phenomenon of homosexuality among men is both ancient and unknown in all its depth. Throughout history, different cultures and peoples have understood homosexuality in different ways. We tried to find biological, hormonal, physical causes and little progress was achieved, we only know what is not. Psychology tries to get closer to the subject and has even made some advances, however, when going from pathology to sexual normality, these discoveries were hushed up. This phenomenon impels us to want to know and study it, to understand not only today's society, but the human person as a whole, in its complex dignity.

Keywords: Homosexuality. Masculinity. Sexuality. Affectivity. Psychology. Person.

REFERÊNCIAS

- AARDWEG, Gerard J. M. A batalha pela normalidade sexual e homossexualismo. 5. ed. Aparecida, SP: Editora Santuário. 2010.
- AARDWEG, Gerard J. M. Homossexualidade e Esperança. Lisboa, PT: Diel, 2002.
- AQUINO, Tomás. Suma Teológica. 2. ed. São Paulo, SP: Edições Loyola, 2003.
- AQUINO, Tomás. O ente e a Essência. 2. ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2005.
- ARENDT, Hannah. A condição humana. 10. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.
- BASTOS, Gibson. Além do rosa e do azul: recortes terapêuticos sobre a homossexualidade à luz da doutrina espírita. 2. ed. Rio de Janeiro, RJ: CELD. 2008.
- BUTCHER, H. J. A inteligência Humana. São Paulo, SP: Editora Perspectiva, 1972.
- BEPPLER, PAUL. A ORIGEM DA PALAVRA "HOMOSSEXUAL". KARL-MARIA KERTBENY, SEATTLE, WASHINGTON. DISPONÍVEL EM: <[HTTP://KARL-MARIA-KETBENY.BLOGSPOT.COM/](http://karl-maria-kertbeny.blogspot.com/)> ACESSO EM: 08 ABR. 2020.
- Bíblia. Português. Bíblia sagrada: Antigo Testamento. Tradução Claretiana. São Paulo: Ave-Maria, 2009.
- CAMPOS, Dinah Martins de Souza. Psicologia da adolescência: normalidade e psicopatologia. 7. ed. Petrópolis, RJ: Vozes. 1982.
- CIPRIANNI, Giovanni. Homossexualidade neurociências e orientação sexual. São Paulo: Paulus. 2018.
- DIETER, Cristina. As raízes históricas da homossexualidade, os avanços no campo jurídico e o prisma constitucional. Instituto Brasileiro de Direito de Família (IBDF). Belo Horizonte - MG. abr. 2012. Disponível em: <<http://www.ibdfam.org.br/artigos/812/As+ra%C3%ADzes+hist%C3%B3ricas+da+homossexualidade%2C+os+avan%C3%A7os+no+campo+jur%C3%ADdico+e+o+prisma+constitucional>> Acesso em: 02 abr. 2020.
- ELDREDGE, John. A grande aventura masculina: Como encontrar seu coração selvagem e descobrir uma vida de desafios e emoções. Rio de Janeiro, RJ: Thomas Nelson Brasil. 2017.
- FREUD, Sigmund. Esboço de Psicanálise. Rio de Janeiro, RJ: Nova Cultural, 2005.
- FILHO, Francisco; MADRID, Daniela. A Homossexualidade e a sua história. p.2. Disponível em: <<http://intertemas.toledoprudente.edu.br/index.php/ETIC/article/view/1646>> Acesso em: 09 mar. 2020.
- GOETHE, Johann Wolfgang von. apud. FREUD, Sigmund. Esboço de Psicanálise. Rio de Janeiro, RJ: Nova Cultural, 2005.

GRUBER, Alois. O drama da puberdade. São Paulo, SP: Edições Paulinas. 1962.

INSA GÓMEZ, Francisco Javier. Amar e ensinar a amar: a formação da afetividade nos candidatos ao sacerdócio. São Paulo, SP: Cultor de Livros. 2019.

JUNG, Carl Gustav. O desenvolvimento da personalidade. Petrópolis, RJ: Vozes. 1986.

LEWIS, C. S. Os quatro amores. 1. ed. Rio de Janeiro, RJ: Thomas Nelson Brasil, 2017.

MANCINI, Roberto. Existência e gratuidade: antropologia da partilha. São Paulo, SP: Paulinas. 1999.

MASTERS, William H.; JOHNSON, Virginia E. Homossexualidade em perspectiva. Livraria Editora Artes Médicas LTDA. 1979.

METTLER, Peter. Homossexualidade e ministério ordenado: Critérios de análise e correlações incômodas. Belo Horizonte, MG. jul. 2010. Disponível em: <<https://www.presbiteros.org.br/homossexualidade-e-ministerio-ordenado/>> acesso em: 12 mar. 2020.

MODESTO, Edith. Vidas em arco-íris: depoimentos sobre a homossexualidade. Rio de Janeiro, RJ: Record. 2006.

MONTESSORI, Maria. A formação do homem. 1. ed. Campinas, SP: Kírion. 2018.

NICOLOSI, Joseph.; NICOLOSI, Linda Ames. Homossexualidade: um guia de orientação aos pais para formação da criança. Tradução: Hope Gordon Silva. São Paulo: Shedd Publicações. 2007.

NICOLOSI Joseph. The Traumatic Foundation of Male Homosexuality. 19 dec. 2016. Disponível em: <<https://www.crisismagazine.com/2016/traumatic-foundation-male-homosexuality>>. Acesso em: 17 jun. 2020.

NICOLOSI, Joseph. Psych Association Past-President Defends Change Therapy. 2013. Disponível em: <<https://www.josephnicolosi.com/collection/prominent-psychologist-sports-therapy>>. Acesso em: 17 jun. 2020.

NUNAN, Adriana. Homossexualidade: do preconceito aos padrões de consumo. 1. ed. Rio de Janeiro: Caravansarai. 2015.

LUCAS, Ramón. O Homem, Espírito Encarnado: Compêndio de Filosofia do Homem. Santa Isabel, SP: Seminário Maria Mater Ecclesiae, 2005.

PAULO II, João. Teologia do corpo: o amor humano no plano divino. 1 ed. Campinas, SP: Ecclesiae. 2014.

PIAGET, Jean. Problemas de psicologia genética. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

PLATÃO. O Banquete. 1. ed. São Paulo, SP: Abril S.A. Cultural e Industrial. 1972.

- PONTIFÍCIO CONSELHO PARA A FAMÍLIA. Lexicon: Termos ambíguos e discutidos sobre família, vida e questões éticas. 1. ed. Brasília, BR: Edições CNBB. 2007.
- REALE, Giovanni. História da Filosofia. Vol.1. 8. ed. São Paulo: Paulus, 2003.
- REINKE, C. A.; SCHEMES, C.; MAGALHÃES, L. M.; KESKE, H. A. G. Homossexualidade masculina e suas marcas históricas. Métis: História e Cultura. Vol.16. n.31. Caxias do Sul-RS. Jan./jun. 2017. Disponível em:
<<http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/metis/article/view/4806>> Acesso em: 12 mar. 2020.
- ROBERTO, Pe. Silvio. Homossexualidade. Como entendê-la? Compreensão a luz da fé católica, da ética filosófica e da ciência. 1. ed. Curitiba, PR: Editora Mãe da Misericórdia. 2012.
- RODRIGUES, Marlene. Psicologia educacional: uma crônica do desenvolvimento humano. São Paulo: McGraw-Hill do Brasil. 1976.
- RONDINI, C. A.; FILHO, F. S. T.; TOLEDO, L. G. Concepções homofóbicas de estudantes do ensino médio. Psicol. Universidade de São Paulo USP. vol.28. n.1. São Paulo. jan./abr. 2017. Disponível em:
<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65642017000100057&lng=pt&tlng=pt> Acesso em: 08 abr. 2020.
- STORK, Ricardo; ECHEVARRÍA, Javier. Fundamentos de Antropologia: Um ideal de excelência humana. 2. ed. São Paulo, SP: Instituto Brasileiro de Filosofia e Ciência Raimundo Lúlio (Ramon Llull). 2016.
- STORK, Ricardo. La persona y su intimidad. Cuadernos de Anuario Filosófico. Serie Universitaria, nº 48. Pamplona. 1997.
- TEPE, Valfredo. Prazer ou amor?. Salvador, BA: Editora Mensageiros da Fé Ltda, 1966.

ANEXO A – MITO DO ANDRÓGINO DE PLATÃO¹⁴

Com efeito, nossa natureza outrora não era a mesma que a de agora, mas diferente. Em primeiro lugar, três eram os gêneros da humanidade, não dois como agora, o masculino e o feminino, mas também havia a mais um terceiro, comum a estes dois, do qual resta agora um nome, desaparecida a coisa; andrógino era então um gênero distinto, tanto na forma como no nome comum aos dois, ao masculino e ao feminino, enquanto agora nada mais é que um nome posto em desonra. Depois, inteiriça era a forma de cada homem, com o dorso redondo, os flancos em círculo; quatro mãos ele tinha, e as pernas o mesmo tanto das mãos, dois rostos sobre um pescoço torneado, semelhantes em tudo; mas a cabeça sobre os dois rostos opostos um ao outro era uma só, e quatro orelhas, dois sexos, e tudo o mais como desses exemplos se poderia supor. E quanto ao seu andar, era também ereto como agora, em qualquer das duas direções que quisesse; mas quando se lançavam a uma rápida corrida, como os que cambalhotando e virando as pernas para cima fazem uma roda, do mesmo modo, apoiando-se nos seus oito membros de então, rapidamente eles se locomoviam em círculo. Eis por que eram três os gêneros, e tal a sua constituição, porque o masculino de início era descendente do sol, o feminino da terra, e o que tinha de ambos era da lua, pois também a lua tem de ambos; e eram assim circulares, tanto eles próprios como a sua locomoção, por terem semelhantes genitores. Eram por conseguinte de uma força e de um vigor terríveis, e uma grande presunção eles tinham; mas voltaram-se contra os deuses, e o que diz Homero de Efialtes e de Otes é a eles que se refere, a tentativa de fazer uma escalada ao céu, para investir contra os deuses. Zeus então e os de-mais deuses puseram-se a deliberar sobre o que se devia fazer com eles, e embaraçavam-se; não podiam nem matá-los e, após fulminá-los como aos gigantes, fazer desaparecer-lhes a raça - pois as honras e os templos que lhes vinham dos homens desapareceriam — nem permitir-lhes que continuassem na impiedade. Depois de laboriosa reflexão, diz Zeus: “Acho que tenho um meio de fazer com que os homens possam existir, mas parem com a intemperança, tornados mais fracos. Agora com efeito, continuou, eu os cortarei a cada um em dois, e ao mesmo tempo eles serão mais fracos e também mais úteis para nós, pelo fato de se terem tomado mais numerosos; e andarão eretos, sobre duas pernas. Se ainda pensarem em arrogância e não quiserem acomodar-se, de novo, disse ele, eu os cortarei em dois, e assim sobre uma só perna eles andarão, saltitando.” Logo que o disse pôs-se a contar os homens em dois, como os que cortam as sorvas para a conserva, ou como os que cortam ovos com cabelo; a cada um que cortava mandava Apolo

¹⁴ PLATÃO. O Banquete. 1. ed. São Paulo, SP: Abril S.A. Cultural e Industrial. 1972. p.28.

voltar-lhe o rosto e a banda do pescoço para o lado do corte, a fim de que, contemplando a própria mutilação, fosse mais moderado o homem, e quanto ao mais ele também mandava curar. Apolo torcia-lhes o rosto, e repuxando a pele de todos os lados para o que agora se chama o ventre, como as bolsas que se entouxam, ele fazia uma só abertura e ligava-a firme-mente no meio do ventre, que é o que chamam umbigo. As outras pregas, numerosas, ele se pôs a polir, e a articular os peitos, com um instrumento semelhante ao dos sapateiros quando estão polindo na forma as pregas dos sapatos; umas poucas ele deixou, as que estão à volta do próprio ventre e do umbigo, para lembrança da antiga condição. Por conseguinte, desde que a nossa natureza se mutilou em duas, ansiava cada um por sua própria meta-de e a ela se unia, e envolvendo-se com as mãos e enlaçando-se um ao outro, no ardor de se confundirem, morriam de fome e de inércia em geral, por nada quererem fazer longe um do outro. E sempre que morria uma das metades e a outra ficava, a que ficava procurava outra e com ela se enlaçava, quer se encontrasse com a metade do todo que era mulher - o que agora chamamos mulher — quer com a de um homem; e assim iam-se destruindo. Tomado de compaixão, Zeus consegue outro expediente, e lhes muda o sexo para a frente - pois até então eles o tinham para fora, e geravam e reproduziam não um no outro, mas na terra, como as cigarras; pondo assim o sexo na frente deles fez com que através dele se processasse a geração um no outro, o macho na fêmea, pelo seguinte, para que no enlace, se fosse um homem a encontrar uma mulher, que ao mesmo tempo gerassem e se fosse constituindo a raça, mas se fosse um homem com um homem, que pelo menos houvesse saciedade em seu convívio e pudessem repousar, voltar ao trabalho e ocupar--se do resto da vida. E então de há tanto tempo que o amor de um pelo outro está implantado nos homens, restaurador da nossa antiga natureza, em sua tentativa de fazer um só de dois e de curar a natureza humana. Cada um de nós portanto é uma tésseira complementar de um homem, porque cortado como os linguados, de um só em dois; e procura então cada um o seu próprio complemento. Por conseguinte, todos os homens que são um corte do tipo comum, o que então se chamava andrógino, gostam de mulheres, e a maioria dos adultérios provém deste tipo, assim como também todas as mulheres que gostam de homens e são adúlteras, é deste tipo que provêm. Todas as mulheres que são o corte de uma mulher não dirige muito sua atenção aos homens, mas antes estão voltadas para as mulheres e as amiguinhas provêm deste tipo. E todos os que são corte de um macho perseguem o macho, e enquanto são crianças, como cortículos do macho, gostam dos homens e se comprazem em deitar-se com os homens e a eles se enlaçar, e são estes os melhores meninos e adolescentes, os de natural mais corajoso. Dizem alguns, é verdade, que eles são despudorados, mas estão mentindo; pois não é por despudor que fazem

isso, mas por audácia, coragem e masculinidade, porque acolhem o que lhes é semelhante. Uma prova disso é que, uma vez amadurecidos, são os únicos que chegam a ser homens para a política, os que são desse tipo. E quando se tornam homens, são os jovens que eles amam, e a casamentos e procriação naturalmente eles não lhes dão atenção, embora por lei a isso sejam forçados, mas se contentam em passar a vida um com o outro, solteiros. Assim é que, em geral, tal tipo torna-se amante e amigo do amante, por-que está sempre acolhendo o que lhe é aparentado. Quando então se encontra com aquele mesmo que é a sua própria metade, tanto o amante do jovem como qualquer outro, então extraordinárias são as emoções que sentem, de amizade, intimidade e amor, a ponto de não quererem por assim dizer separar-se um do outro nem por um pequeno momento. E os que continuam um com o outro pela vida afora são estes, os quais nem saberiam dizer o que querem que lhes venha da parte de um ao outro. A ninguém com efeito pareceria que se trata de união sexual, e que é porventura em vista disso que um gosta da companhia do outro assim com tanto interesse; ao contrário, que uma coisa quer a alma de cada um, é evidente, a qual coisa ela não pode dizer, mas adivinha o que quer e o indica por enigmas. Se diante deles, deitados no mesmo leito, surgisse Hefesto e com seus instrumentos lhes perguntasse: Que é que quereis, ó homens, ter um do outro?, e se, diante do seu embaraço, de novo lhes perguntasse: Porventura é isso que desejais, ficardes no mesmo lugar o mais possível um para o outro, de modo que nem de noite nem de dia vos separeis um do outro? Pois se é isso que desejais, quero fundir-vos e forjar-vos numa mesma pessoa, de modo que de dois vos tomeis um só e, enquanto viverdes, como uma só pessoa, possais viver ambos em comum, e depois que morrerdes, lá no Hades, em vez de dois ser um só, mortos os dois numa morte comum; mas vede se é isso o vosso amor, e se vos contentais se conseguirdes isso. Depois de ouvir essas palavras, sabemos que nem um só diria que não, ou demonstraria querer outra coisa, mas simplesmente pensaria ter ouvido o que há muito estava desejando, sim, unir-se e confundir-se com o amado e de dois ficarem um só. O motivo disso é que nossa antiga natureza era assim e nós éramos um todo; é portanto ao desejo e procura do todo que se dá o nome de amor. Anteriormente, como estou dizendo, nós éramos um só, e agora é que, por causa da nossa injustiça, fomos separados pelo deus, e como o foram os árcades pelos lacedemônios; é de temer então, se não for-mos moderados para com os deuses, que de novo sejamos fendidos em dois, e perambulemos tais quais os que nas estelas estão talhados de perfil, serrados na linha do nariz, como os ossos que se fendem.

ANEXO B – TRECHO DO DEPOIMENTO DO FÁBIO, SOBRE SUA INFÂNCIA

“Eu queria brincar de boneca, eu queria pentear as bonecas. Eu queria ter cabelos compridos. Eu queria ser uma menina...”

“Sou o filho mais velho e tenho um irmão mais novo. Fui uma criança muito protegida pela minha mãe... não tive a companhia de meu pai. Eu gostava mais, sem dúvida, da minha mãe. Fui criado com muito cuidado. Com cuidado excessivo. Pra você ter uma ideia, minha mãe me dava banho com água mineral! Eu já era uma criança introspectiva e já era uma criança gorda. Hoje sou um adulto gordo... O que causa, nessa época da infância, uma separação natural, porque o gordo já é recriminado pelas outras crianças. Me chamavam de gordo e isso gerava mais timidez. A partir do momento em que comecei a tomar consciência maior do mundo exterior, a infância passou a ser uma parte muito infeliz da minha vida. ”

ANEXO C – DEPOIMENTO DE CLÁUDIO, SOBRE SUA INFÂNCIA

“Minha infância, pra não dizer que foi uma merda, foi algo muito perto disso. Bem, eu sabia ler e escrever desde muito pequeno, até que um dia meu irmão - que é cinco anos mais velho que eu - pediu pro meu pai um computador, que ele queria fazer curso. Bem, meu pai deu o computador pra ele, ele fez dois dias de curso e largou mão. Daí, o computador parado lá em casa, eu lá sem fazer nada, um belo dia achei o manual do computador, inclusive com um manual de como programar em *Basic*, eu tinha 6 anos... Nem preciso dizer como foi a escola, né? Só não tinha amigos, porque eu achava eles muito burrinhos... Bem, além do computador, eu era uma criança normal. Meu pai e minha mãe não se davam bem e uma coisa que marcou a minha infância foi que eu não podia ganhar nada de minha mãe, porque meu pai ameaçava quebrar. Me lembro que eu queria muito um autorama, mas minha mãe dizia sempre que era caro, até que eu fiz uma proposta pra ela, coisa de criança. Eu ficava sem ganhar nada por um ano e ela me dava... Ela topou na hora. Faltando mais ou menos um mês pra ela comprar, meu pai disse a célebre frase: ‘Se comprar, eu quebro’. Não deu outra, chegou o Natal, eu ganhei o autorama. Dois dias depois, quando voltei do clube, cheguei no meu quarto e só encontrei os pedacinhos do autorama. Comecei a chorar feito um doido, me lembro que meu pai entrou no quarto e, quando me viu, eu vi uma espécie de sorrisinho sarcástico na cara dele, tipo: ‘Bem-feito, se fodeu, não avisei?’ Aquilo me deu uma raiva tão grande, mas tão grande que eu parei na hora de chorar, olhei pra cara dele bem sério e disse: ‘Você não é meu pai, nunca mais falo com você!’ E comecei a jogar tudo o que eu encontrava na minha frente nele. Voltei a falar com ele exatamente uma semana antes de ele morrer. Depois daquela data em que ele quebrou o meu brinquedo, foram Natais e Natais que na hora da família reunida para a entrega de presentes, eu deixava sempre uma caixa sem abrir em cima da mesa. Era o que ele tentava me dar. Não sei... Hoje, às vezes, me arrependo de ter sido tão cabeça-dura... Na escola eu sempre fui viciado em matemática e em debates onde entrava alguma coisa de educação social, leis ou história. Sempre fui representante de turma, presidente do grêmio estudantil no segundo grau [ensino médio] e fui presidente do centro acadêmico na universidade, no segundo ano. Mas meu maior prazer, daquela época até hoje, sempre foi o computador. Me lembro a primeira vez que eu desenvolvi uma fórmula matemática pra um programa, que funcionou perfeitamente e reduziu o programa quase pela metade... Sabe, ver aquilo funcionando, parecia uma coisa viva que fluía, a sensação foi quase de ter tido um orgasmo! Sem exageros, eu tinha 9 anos, ninguém me aguentava mais, eu explicando pra todo mundo como tinha chegado àquela solução. Meu

pai me chamava de ‘viado’ desde pequeno, por quê, eu não sei. Nunca fui efeminado. Minha mãe nunca falava nada, nada mesmo. Às vezes, eu me sentia Filho do vizinho, todas as atenções eram pro garoto enxaqueca [irmão], que só fazia merda, e botava toda culpa em mim. Me lembro que um dia eu passei o dia todo trancado no quarto em cima do meu computador, de noite, apanhei porque quebrei a vidraça do vizinho com a espingarda de pressão. E não adiantava dizer que não tinha sido eu. A única pessoa que me defendia era minha irmã. ”

ANEXO D – O DIÁRIO DE BRIAN¹⁵

Brian tinha quinze anos quando começou o diário de seis meses, apresentado a seguir, e nos permite olhar de perto um jovem que se sente muito sozinho. Ele usa sonhos que tem acordado, fantasias e fugas da realidade como um modo de lidar com sua solidão, sua tristeza e seu sentimento de não ser amado. Ele tem sonhos constantes com "um grupo de amigos", ou com um homem muito especial, para amá-lo. Na verdade, o homem com quem sonha, com frequência, é uma versão idealizada de si mesmo, em outras palavras, um homem forte, notável.

A depressão é um problema constante de Brian, aliada à solidão doída, à baixa autoestima e o sentimento de ser indesejado e de não ser importante para ninguém. A disposição em compartilhar seu diário com os leitores deste livro demonstra sua generosidade natural. O conteúdo do diário revela a necessidade profunda de se sentir valorizado e amado por um jovem especial após anos de isolamento de seus iguais.

A medida que Brian prossegue em terapia individual e de grupo, ele descreve muito bem sua luta intensa entre o desejo de se aproximar dos outros e a tendência defensiva de se separar.

6 de abril. Sonhei ter um grupo novo de amigos. Se apenas tivesse alguém para amar e com quem me importar, e que sentisse o mesmo por mim. Alguém superior a mim e realmente estruturado, esplêndido. Alguém me fizesse sentir seguro, e amado, e realmente querido.

9 de abril. Como me sentiria se apenas beijasse outro garoto e fosse acariciado e abraçado por alguém que realmente me ame? Amo todos os tipos de meninos, brancos, morenos e pretos. Mas temo que não ter escolha a não ser olhar a beleza masculina de longe, cheio de desejo e de fantasias não realizadas.

20 de abril. Não sei o motivo, mas ultimamente tenho me sentido um pouco deprimido. Parece que todos da escola fazem coisas juntos, e sempre sou deixado para trás. Preciso de alguém, de qualquer pessoa. Quero alguém de verdade para me levantar, tomar-me nos braços e me abraçar, para que me sinta seguro, cuidado e amado.

A cada dia, sinto-me mais e mais sozinho. Gostaria que todos meus sonhos se realizassem, de ter todos esses amigos com que sonho, e alguém que quando eu dissesse: "Te amo", respondesse: "Também te amo". Se apenas, se apenas, se apenas...

¹⁵ NICOLSI, Joseph.; NICOLSI, Linda Ames. Homossexualidade: um guia de orientação aos pais para formação da criança. Tradução: Hope Gordon Silva. São Paulo: Shedd Publicações. 2007. p.141.

19 de maio. Estava tão entediado hoje. Tudo que fiz foi assistir televisão não consegui pensar em nada para fazer. Fiquei sonhando com meu novo professor, sr. Jackson, e o quanto é lindo. De verdade, nem sei exatamente o que me atrai nele. Acho que é o fato de ser exatamente o tipo de homem de que preciso. Ele é bondoso, doce e faz com que eu sinta que existo. Há muito tempo, não sinto que alguém realmente percebe que existo.

5 de julho. Acabei de ter minha primeira sessão de terapia de grupo. Estava muito nervoso. Mas sempre que alguém falava, sentia-me muito afinado com o que dizia. Foi bom estar com pessoas que sabem o que sinto e entendem totalmente meus sentimentos.

Um dos rapazes do grupo, chamado Tom, disse uma coisa que senti ser muito verdadeira. Ele disse que o homossexual tem duas opções para se satisfazer quando se sente vazio. Ele pode comer "porcarias, o que representa o sexo, ou, alimentos saudáveis, o que representa a intimidade emocional. Ele tem uma compensação rápida ao comer porcarias", mas pode ficar docente, ao passo que o alimento saudável, com o passar do tempo, satisfaz mais e realmente o beneficia. Talvez Tom tenha razão.

21 de julho. A terapia em grupo acabou agora mesmo. Falei bastante nessa sessão. Pus para fora uma porção de questões, e todo mundo está realmente me ajudando. Gosto porque todos entendem o que você fala e tentam ajudar como podem.

Também preciso, de verdade, de algum apoio de caras heterossexuais. Mas tenho medo que não me apoiem mesmo se contar que estou em terapia para tentar mudar.

25 de julho. Bem, estive sonhando, fantasiando com um cara que nem existe. Seu nome é Adam. Não sei qual é sua aparência a não ser em meus sonhos, mas pensar nele me deixa muito feliz. Acho que não há diferença entre esse e meus outros sonhos. Detesto ficar sozinho sentado na frente da televisão.

29 de julho. Neste momento, não sei se quero mudar ou não. Penso: *Mesmo que queira mudar, será que consigo?* Acho que quero apenas ter um relacionamento com um cara para ver como é. Talvez funcione.

Sinto-me tão confuso. Às vezes, penso no tipo de vida em que fui criado crendo ser o certo, algum dia, ter esposa e filhos, e no quanto realmente gostaria disso. Mas, depois, penso em como seria legal estar apaixonado por um homem. Portanto, não sei o que quero.

Minha mãe me forçou a fazer terapia. Até gosto, mais ou menos, da terapia, mas estou muito confuso. Não sei o que fazer neste momento.

2 de agosto. A terapia em grupo foi muito legal. Jack e Mark estavam presentes, e fiquei bem impressionado com Jack e as coisas que disse. Mark disse que todos nós precisamos de

intimidade com rapazes, e que isso é totalmente saudável, o único problema é o próximo passo: sexo. Ele disse que há uma linha tênue entre amor e sexo, porém, sem dúvida, existe uma linha. Seria maravilhoso poder apenas ter as necessidades emocionais satisfeitas e não ir além disso. É verdade, lá no fundo realmente não quero sexo. Quero amor e intimidade, quero abraçar e me sentir a salvo e seguro. É disso que preciso e o que quero.

3 de agosto. Amanhã, papai chega da Europa. Não estou exatamente ansioso por isso. Foi bom estarmos apenas minha mãe, minha irmã e eu em casa. Não houve quase nenhuma discussão. Estava tão feliz. Sinto muito, mas é assim que me sinto. Ultimamente, tenho me sentido solitário e fantástico com Adam.

6 de agosto. Tenho pensando naquele cara legal, Jack, e no que ele disse na sessão da semana passada. Por que engano a mim mesmo desse jeito? Ele está certo. É como se, um dia, fosse conhecer os caras com que sonho e viver feliz para sempre. O mundo gay é tão louco e parece tanto com uma festa. Sei que é verdade. Se pudesse deixar o sexo de fora e apenas ter os amigos íntimos que sempre procurei. Será que isso pode acontecer? Bem, tenho apenas quinze anos, então, quem sabe?

Claramente, Brian encontra-se em uma encruzilhada em sua vida. A solidão e o isolamento o levarão a aceitar uma ligação emocional onde quer que a encontre. Depois de ouvir um jovem com orientação homossexual profundamente deprimido expressar sentimentos de desespero ódio de si mesmo, o psiquiatra Richard Fitzgibbons lamenta: “Não sei como que preencherá esse vazio deixado pela falta de aceitação por parte de outros homens, ou pela falta de amor paterno ou materno. O que preencherá esse vazio?” O terapeuta sozinho não consegue suprir essas necessidades emocionais profundas, é o que são necessários a igreja, a família e os amigos que se importam, para que o jovem solitário e desamparado não tenha de procurar a resposta para sua carência na comunidade homossexual por falta de auxílio.